

CINEMA

LITERATURA

FALE CONOSCO

MUSICA

PIPOQUEIROS

TELEVISAO

PENSAMENTOS

busca

Ok



CINEMA

Violência nua e crua

Por: Fábio Freire



O filme policial é hoje um gênero quase em extinção. Ou está relegado a produções de quinta jogadas diretamente no mercado do vídeo (Steven Seagal, alguém arrisca?); anabolizado em produções de ação descerbradas (*Bad Boys 2*, *SWAT*); ou disfarçado de suspense (*Roubando Vidas*), espiãgem (*Triple XXX*), filmes de assalto (*Uma Saída de Mestre*) e até comédias involuntárias (*Divisão de Homicídios* e o recente *Táxi*). É cada vez mais raro assistir a produções viscerais e inteligentes como aquelas que dominavam as telas na década de 70 (*Operação França*, *Sépico*, *Um dia de cão* e outras). Algo mudou em Hollywood... E não foi para melhor.

A produção independente *Narc* é um alívio que chega em meio à mesmice que assola o gênero. O filme está para os anos 2000 assim como *Cães de Aluguel* está para os anos 90. Um sopro de criatividade e talento apoiado em um roteiro inteligente e nada óbvio, um elenco decadente que supera as expectativas e uma direção arrojada, crua e pungente. *Narc* deixa a violência estilizada e estetizada de lado para se apoiar em uma narrativa quase documental que brinda o espectador com socos e sangue que aparentam ser de verdade. Nada de coreografias irreais e heróis de mentira. O que vemos aqui são pessoas reais enredadas em uma trama que beira a tragédia.

Jason Patric (do infeliz *Velocidade Máxima 2* e do equivocado *Sleepers. Vingança Adormecida*) interpreta um papel bastante parecido com o que havia vivido em *Rush: Nick Tellis*, um policial que trabalha disfarçado e acaba se tornando um viciado. A diferença é que em *Narc* a trama não se prende ao drama da reabilitação do personagem e sim ao seu retorno às ruas para ajudar na solução do caso de assassinato de um outro policial que trabalhava disfarçado. Como colega na investigação, o parceiro do morto, o temperamental Henry Oak (Ray Liotta voltando aos bons tempos de *Os Bons Companheiros*). Os dois partem então para uma investigação difícil e cheia de reviravoltas, no qual o final chega como um murro no estômago.



A princípio, o enredo não difere muito dos outros policias meia boca que passam no *Domingo Maior*. Mas o roteiro que não trata o espectador como um imbecil as atuações da

ATUALIZAÇÕES

[26/11](#) Já esqueci [*Os Esquecidos*]

[26/11](#) Mais um desfile de Gisele [*Táxi*]

[24/11](#) Macho, macho man... [*Com a Bola Toda*]

[24/11](#) Acabando com a frescura [*V/A - Vila Velha Noise Beach*]

[24/11](#) Um retorno triunfal [*Leaves 'Eyes - Lovelorn*]

► DO MESMO AUTOR

Maturidade sob duas rodas [*Diários de Motocicleta*]

Tom Cruise para adultos [*Colateral*]

Salada mista pop e pós-moderna [*Kill Bill - Vol 1*]

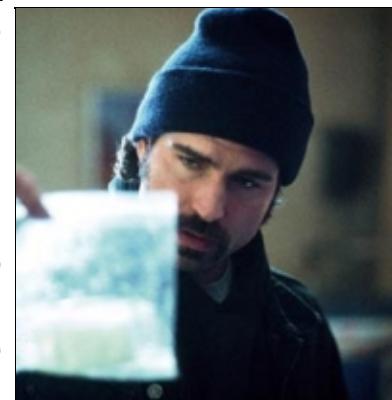
Náufrago [*O Terminal*]

O poeta está vivo! [*Cazuza - O Tempo não Pára*]

LEIA TAMBÉM

[22/10/2003](#) Revigorando o gênero policial [*Narc*]

[05/08/2004](#) Nas trilhas de *NARC* [*OST - NARC*]





subverter o gênero, apenas usa os clichês com sabedoria e opta por uma narrativa que deixa as cenas de ação de lado e aposta na tensão da própria trama. O resultado é um filme vibrante, nervoso e trêmulo conduzido pela história e não por uma ação incessante construída através de uma edição vertiginosa. Os *flashbacks* são utilizados na hora certa e o ritmo da produção é bem diferente do filme de ação padrão.

Mesmo com algumas pequenas falhas, como a subutilização do relacionamento conflituoso de Nick Tellis e sua mulher (que é esquecido no final do filme) e a perda do ritmo depois da metade do longa, *Narc* merece ser descoberto e apreciado como é: uma produção barata procurando seu espaço entre os produtos dos grandes estúdios. Sabe se lá porque, a produção de 2002 não foi exibida nos cinemas nacionais, sendo lançada diretamente em vídeo. Mas não se preocupe, o filme é bastante superior às fitas que abarrotam as prateleiras das locadoras sem ver a luz da tela grande. *Narc* pode até não ser uma obra-prima que vai mudar o cinema ou salvar o gênero policial, mas pelo menos funciona como uma brisa de inteligência em um mundo dominado por Sylvester Stallones, Will Smiths e Jean-Claude Van Dammes. Um viva a Joe Carnahan por isso!

27/11/2004

Voltar